

ATA DO XII ENCONTRO de Reitores de Santuários, de 09 a 12 de março de 1998, Vila Velha, ES.

CADERNOS MARIANOS, *O Santuário: Memória, Presença e Profecia do Deus vivo*. Aparecida, Santuário, 1999, v.5.

PONTIFÍCIO CONSELHO para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes., Doc. 170, *O Santuário – Memória, Presença e Profecia do Deus vivo*. São Paulo, Paulinas, 1999.

4. Artigos

COMBLIN, J., *Despertar da Igreja Católica para a cidade*, in VIDA PASTORAL, nº 224, p. 10-17, 2002.

COMBLIN, J., *Os desafios da Igreja na cidade atual*, in VIDA PASTORAL, nº 225, p. 8-15, 2002.

LIBÂNIO, J. B., *A fé em meio às lógicas da cidade*, in VIDA PASTORAL, nº 224, p. 3-9, 2002.

5. Sites

TOLEDO, F.S., *Religiosidade popular católica*. Disponível em <www.resenet.com.br/religiosidadepop.htm>, acesso em 02/04/2003.

Elói José Schons é Doutor em Teologia Pastoral.
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

DILÚVIO(S) - AS NARRATIVAS SACERDOTAL E PÓS-SACERDOTAL, DA BÍBLIA HEBRAICA EM CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL (PARTE 1)

Prof. Ms. Osvaldo Luiz Ribeiro

“Criação” e “dilúvio” são duas “histórias” que todos conhecemos. Ouvimos desde crianças, e alguns de nós foram catequizados também por meio delas. Não saberia dizer exatamente qual a razão pela qual decidi debruçar-me sobre essas duas “histórias” da Bíblia Hebraica – mas o fato é que me envolvi com elas. Publiquei um primeiro artigo sobre Gn 1,1-2,4a¹, e descobri que precisaria de mais espaço e tempo – traduzindo: precisaria escrever mais, muito mais.

O segundo artigo sobre Gn 1,1-2,4a ficou pronto e sairá publicado pela *Revista de Teologia Londrinense*², provavelmente ainda nesse segundo semestre de 2004. O terceiro artigo dá, agora, já uma série de artigos sobre Gn 1,1-2,4a está no forno. Todos os três têm em comum o fato de que se constituem numa tentativa de situar histórico-socialmente o texto³ de Gn 1,1-2,4a – a cosmogonia judaica do século VI.

¹ Vento Tempestuoso: um ensaio sobre a tradução e a interpretação de Gn 1,2 à luz de Jr 4, *Fragmentos de Cultura*, v.12, n.4, p. 573-598.

² Vento Tempestuoso: novas reflexões sobre Gn 1,2 a partir da Fenomenologia da Religião, *Revista de Teologia Londrinense*, n. 5, programada para o segundo semestre de 2003.

³ “Texto” consiste na grandeza instrumental, histórico-social, constituída por autoria, destinação, intenção e narrativa. A “narrativa” consiste, nesse sentido, num instrumento histórico-social sustentado pela intenção autoral, aplicada, mediante o texto, sobre a destinação. Numa definição: “textos” são instrumentos de intervenção social, e a sua redação consiste num fenômeno de intervenção social.

Enquanto escrevia os artigos – porque muitas das intuições a que dou atenção “*brotam*” precisamente enquanto escrevo – admiti que, metodologicamente, “*criação*” e “*dilúvio*” são “*histórias*” do mesmo “*sistema*”. Em termos “*bíblicos*” – e “*cosmogônicos*”, não há “*criação*” sem “*dilúvio*”, nem “*dilúvio*” sem “*criação*”. A afirmação parece válida pelo menos para o contexto do Crescente Fértil Antigo, onde “*criação*” e “*dilúvio*” consistem em *fôrm*as ou *grades* constituídas por dois temas político-religiosos que, adaptados a cada contexto histórico-social onde são instrumentalizadas, assumem estrutura e aplicação próprias. Enquanto *grades sistêmicas*, o sentido dos sistemas *criação? dilúvio* constituem *função histórico-social*. Não possuem *conteúdo “ontológico” próprio*, mas assumem *conteúdo político-religioso* em função do momento e do lugar em que são *utilizados*, seja a Assíria de Assurbanipal, a Babilônia de Nabucodonozor ou a Jerusalém sacerdotal.

Dizia que o terceiro artigo sobre Gn 1,1-2,4a está no forno. Em termos concretos, está “*pronto*” aqui na minha cabeça e meio-pronto no meu HD, e, no momento, encontra-se em fase de “*fermentação*” – há sempre perigo de *ressaca*. Para tentar justamente evitá-la, decidi antecipar a investigação sobre a outra ponta do *sistema* – as narrativas bíblicas do dilúvio. Tenho de fazê-lo, porque as afirmações que farei no terceiro artigo da *Série Gn 1,1-2,4a* precisarão de razoável apoio exegético-hermenêutico, e pelo que tenho lido, terei de eu mesmo construí-lo, primeiro, aceitando o desafio de correr riscos “*criativos*” como me incentivou Milton Schwantes durante minha defesa de Mestrado em Teologia⁴, depois, garimpando a literatura sobre o tema atrás de um mínimo de sustentação possível, na forma de afirmações esparsas, mas valiosas.

O presente artigo, portanto, tem um duplo objetivo. O primeiro objetivo é abrir, agora, a *Série Gn 6,5-9,17*. Diferentemente de Gn 1,1-3,24, em que as *duas narrativas da “criação”* já vêm separadas e embrulhadas para presente, Gn 6,5-9,17 parece mais com uma barraca de feira em que limões e laranjas-

⁴ *Nehushtan. Pesquisa exegética, fenomenológica e histórico-social sobre a origem, a supressão e o suporte social do culto à serpente de bronze em Israel, com base em Nm 21,4-9; Is 6,1-7 e 2 Re 18,4*. Rio de Janeiro: STBSB, 2002. 400 p. (Dissertação de Mestrado sob a orientação do Dr. Haroldo Reimer; em prospecção de publicação pela *Paulinas*).

lima estão todas misturadas – você mesmo deve separar umas de um lado e outras do outro, e depois, descascá-las se as quiser chupar. Esse primeiro esforço é, pois, um esforço de tradução e de separação das duas narrativas. Escolhi o tema da “*cronologia*” das narrativas – são *quatro cronologias diferentes em Gn 6,5-9,17* – para direcionar o ritmo do artigo, e a discussão sobre as cronologias faz-se acompanhar de uma tentativa criteriosa de tradução do texto, bem como da *antecipação* de alguns insights sobre os comentários em que se constituirão os próximos artigos da série.

O segundo objetivo é, conseqüentemente, construir sustentação crítico-literária e crítico-redacional para a discussão mais avançada sobre a interpretação histórico-social das narrativas bíblicas do dilúvio, bem como, em última análise, do *funcionamento dos sistemas criação? dilúvio sacerdotal (Gn 1,1-2,4a – Gn 6,5-9,17[P]) e pós-sacerdotal⁵ (Gn 2,4b-3,24 – Gn 6,5-9,17[J])*.

Naturalmente, decidindo-me pelo incontornável caminho da exposição, resta-me submeter a pesquisa à apreciação da academia. É um *risco*. E um prazer...

PROSPECTO SINÓPTICO DAS NARRATIVAS J E P DE Gn 6,5,17

Desde o advento da crítica bíblica que se tem afirmado que Gn 6,5-9,17 constitui-se da justaposição de duas narrativas independentes – J e P⁶. De uma forma geral, J teria sido redigido em algum momento entre os séculos X e IX, e P, no século VI⁷. Tomadas as opiniões de alguns exegetas do século passado, um quadro representativo da classificação das duas narrativas presentes em Gn 6,5-9,17 seria o seguinte:

⁵ Não será aqui que discutirei a questão de, em minha opinião, a narrativa J do dilúvio ser *posterior* a de P. Para uma perspectiva contrária – J – P, cf. PETERSEN, 1977, p. 438-446.

⁶ Para uma abordagem histórica da pesquisa sobre as *fontes* e a *composição* do Pentateuco, cf. DE PURY, 2002, p. 15-85.

⁷ Vozes aqui e ali, a partir da década de 70, ao que parece, têm se pronunciado contra esse “*consenso clássico*”. Albert de Pury e Thomas Römer, por exemplo, dão-nos conta a opinião de Hans Heinrich Schmid sobre o *javista* como *exílico* (DE PURY, 2002, p. 63-65); no conjunto, Martin Rose, Rolf Rendtorff,

| Exegetas | J | P |
|-----------------------------|---|---|
| G. Luzzi ⁸ | 6,5-8; 7,1-5.7-10.12.16b.17.22-23; 8,2b-3a.6-12.13b.20-22 | 6,9-22; 7,6.11.13-16a.18-21.24; 8,1-2a.3b-5.13a.14-19; 9,1-17 |
| W. H. Bennett ⁹ | 6,5-8; 7,1-5.7(?).10.12.16b.22.23; 8,2b-3a.6a.6b-9.10.11.12.13b.29-22 | 6,9-13.14-22; 7,6-9.13-16a.18-21; 8,1-2a.3b-4.5.13a.14.15-19; 9,1-7.8-17 |
| S. R. Driver ¹⁰ | 6,5-8; 7,1-5*.7.8-9*.10.12.16b.17b.22-23; 8,2b-3a.6-12.13b.20-22 | 6,9-22; 7,6.11.13-16a.17a.18-21.24; 8,1.2a.3b-5.13a.14-19; 9,1-17 |
| G. von Rad ¹¹ | 6,5-8; 7,1-5.7.16b.8.9.10.12.17b.22.23; 8,6a.2b.3a.6b.8-12.13b.20.21-22 | 6,9-22; 7,6.11.13-16a.17a.18-21.24; 8,1.2a.3b.4.5.7.13a.14.15-19; 9,1-17 |
| A. Richardson ¹² | 6,5-8; 7,1-24 (J e P ¹³); 8,3a.6-12.13b | 6,13-22; 7,1-24 (J e P); 8,1-2.3b.13a.14.15-19; 9,1-17 |
| E. A. Speiser ¹⁴ | 6,5-8; 7,1-5.7-10 ¹⁵ .12.16b.17b.22-23; 8,2b-3a.6-12.13b.15-22 | 6,9-22; 7,6.11.13-16a.17a.18-21.24; 8,1-2a.3b-5.13a.14-19; 9,1-17 |

Erhard Blum e Frank Crüsemann também têm, cada um a seu modo, reavaliado a visão geral a respeito da composição do Pentateuco que se vinha mantendo na academia (DE PURY, 2002, p. 65-70). O *Antigo Testamento* volta às mesas – se é que algum dia saiu delas.

⁸ Cf. LUZZI, 1921, p. 21ss.

⁹ Cf. BENNETT, [s.d], p. 135ss.

¹⁰ Cf. DRIVER, 1954, p. 85ss.

¹¹ Cf. VON RAD, 1977, p. 140-162.

¹² Cf. RICHARDSON, 1963, p. 109ss.

¹³ 7,1-10, mormente J; 7,11-24, mormente P (RICHARDSON, 1963, p. 114s).

¹⁴ Cf. SPEISER, 1964, p. 47-59.

| | | |
|--------------------------------|--|---|
| O. Eissfeldt ¹⁶ | 6,5-9,17* (J e P) | 6,5-9,17 (J e P) |
| C. Westermann ¹⁷ | 6,5-8; 7,1-23*; 8,2-13*; 8,20-22; | 6,9-12; 6;13-22; 7,11-24*; 8,1-5.13-19*; 9,1-7.8-17 |
| R. Koch ¹⁸ | 6,5-8; 7,1-8,22* | 6,9-22; 7,1-8,22*; 9,1-17 |
| E. H. Maly ¹⁹ | 6,5-8; 7,1-5.7-10.12.16b.17b.22-23; 8,2b.3a.6-12.13b.20-22 | 6,9-22; 7,6.11.13-16a.17a.18-21.24; 8,1-2a.3b.-5.13a.14-19; 9,1-17 |
| F. Datler ²⁰ | 6,5-8; 7(J e P); 8,1-19 (J e P); 8,20-22 | 6,9-22; 7(J e P); 8,1-19 (J e P); 9,1-17 |
| E. A. La Verdere ²¹ | 6,5-8; 7,1-8,19 (J e P); 8,20-22 | 6,9-22; 7,1-8,19 (J e P); 9,1-17 |
| G. W. Coats ²² | 6,5-8; 7,1-4.5.6-10*.16b.17b.22-24; 8,2b.6.8-12.13b.20-22 | 6,9-11.12-21; 8,1a.1b-3a.3b-5.6-17.18-19; 9,1-17 |
| L. Ruppert ²³ | 6,1-7aa b.8; 7,1.2.3b- 5.7*.10.12.16b.17b.22.23a* b; 8,2b.3a.6.8-12.13b.20-22 | 6,9-22; 7,6-11.13-16a.17a*.18-21.24; 8,1.2a.3b-5.13a.14-19; 9,1-17 |

¹⁵ Seria *glosa* apenas a expressão "two of each" do v. 9.

¹⁶ Cf. EISSFELDT, 1966, p. 188ss.

¹⁷ Cf. WESTERMANN, 1967, p. 25s.

¹⁸ Cf. KOCH, 1971, p. 38.

¹⁹ Cf. MALY, 1971, p. 78ss.

²⁰ Cf. DATLLER, 1984, p. 74-85.

²¹ Cf. VERDIERE, 1972, p. 24-30.

²² Cf. COATS, 1983, p. 73ss.

²³ Cf. RUPPERT, 1978, p. 529.

| | | |
|-------------------------------------|---|--|
| G. Fohrer e E. Sellin ²⁴ | 6,5-8; 7,1-8.22* | 6,9-8,22*; 9,1-17 |
| E. Charpentier ²⁵ | 6,1-8; 7,1-5; 7,7.10.12. 16b.17b.22-23; 8,2b-3a.6-12.13b.20-22 | 6,9-22; 7,6.8-9.11.13-16a. 17a.18-21.24; 8,1-2a.3b-5.13a.14-19; 9,1-17 |

Naturalmente, não se trata de uma unanimidade a afirmação de que Gn 6,5-9,17 constitui o resultado da justaposição de duas outras narrativas independentes²⁶. Os dois artigos de John A. Emerton publicados na *Vetus Testamentum* em 1987 e 1988, respectivamente, encarregaram-se, por exemplo, de resenhar as abordagens com que cinco especialistas (U. Cassuto, F. I. Andersen, E. Nielsen, G. J. Wenham e Y. T. Radday), defendem a *unidade* da narrativa do dilúvio, contra, obviamente, a teoria de que se trate de uma

²⁴ Cf. FOHRER e SELLIN, 1977, p. 200 e 248.

²⁵ Cf. CHARPENTIER, 1986, p. 6.

²⁶ A discussão está necessariamente ligada ao tema da composição do livro de *Gênesis*, respectivamente, do *Pentateuco*; e não é de hoje que as discussões são profundas e acirradas nesse campo (cf., por exemplo, a *Introduction* da obra centenária de Samuel H. Turner, *Companion to the Book of Genesis* 1841, p. 2-74, que levanta a discussão desde Tertuliano e transpira o *espírito da época*, sendo Turner um defensor de "the unity of the book of Genesis, and of its author" (p. 23). Quase um século depois, em 1916, Frederick Carl Eiselen podia chegar a conclusão oposta, afirmando que a visão sobre que se apóia a afirmação do Pentateuco como resultado da compilação de diferentes fontes não resulta de "unwarranted speculation, but is developed upon basis of actual facts presented in the Pentateuch from beginning to end" (EISELEN, 1916, p. 165; cf. EISSFELDT, 1966, p. 155-212). De minha parte, meti-me eu mesmo a pesquisar o assunto em minha *monografia de bacharelato*, *O Estudo do Pentateuco a Partir das Evidências da Hipótese Documentária*, apresentada ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil em 1992. Desde lá me encontro seguro a respeito da percepção de Eiselen (malgrado só o ter conhecido há pouco), e o aprofundamento da pesquisa tem-me feito considerar o fato de não ter, ali, laborado em equívoco (s.m.j.). Quanto às narrativas do dilúvio: "exegetical criticism has conclusively demonstrated - and this is admitted by all the experts without exception, Roman Catholic, Protestant and agnostic - that the narrative of Gn 6-8 is in reality the fusion of two accounts" (PARROT, 1955, p. 15), citando R. de Vaux em *nota* e pronunciando-se sobre as fontes J e P já clássicas.

composição de J e P. Já *muito* anteriormente, Humphrey Milford, de Oxford, elaborara seu *The Companion Bible* a partir dessa perspectiva de unidade literária²⁷. De minha parte, contudo, ficaria com a observação de Robert Forrest de que alguém deliberadamente combinou fontes – em minha opinião a "fonte" sacerdotal *eloísta* e a "fonte" pós-sacerdotal, *javista* – numa composição intencionalmente orgânica (FORREST, 1994, p. 5²⁸). Apesar da percepção daqueles pesquisadores a respeito de uma unidade em Gn 6,5-9,17, concordo com Otto Eissfeldt quando ele afirma que a separação das duas narrativas do dilúvio pode ser feita "with relative ease" (EISSFELDT, 1966, p. 181) – há duas narrativas justapostas e entrecruzadas; é possível *desfazer* essa justaposição e recuperar

²⁷ Um livro sem data, mas muito velho (do tempo em que o "printer" de Oxford era John Johnson), nele já constava uma estrutura próxima a que Wenham usou em seu artigo para defender a "unidade" de Gn 6,5-9,17. Curioso é que igualmente ali, Gn 6,1-5 fica de fora! A estrutura é a seguinte:

Al 6.9 Noah before the Flood

Bl 6.10 Noah's family

Cl 6,11-13 The Earth corrupt

Dl 6,14-22 The making of the Ark

El 7,1-24 Noah entering the Ark

EI 8,1-19 Noah leaving the Ark

DI 8,20 The building of the Altar

CI 8,21-9,17 The Earth replenished

Bl 9,18-27 Noah's family

Al 9,28.29 Noah after the Flood

(MILFORD, s/d, p. 11). Observe-se que entram na estrutura passagens que vão além das *narrativas do dilúvio* (Gn 9,18ss), além do já denunciado fato de deixar de fora a introdução pós-sacerdotal (Gn 6,5-8). Não convence. Nem Milford, nem Wenham. Ao comentar Gn 6,5, Milford escreve: "GOD = Jehovah" (p. 11); ao comentar 7,1, "LORD = Jehovah" (p. 12); 7,16: "God = 'Elohim, the Creator; Lord = Jehovah, Noah's Covenant-God (sim? mas e quanto a 6,18?); 8,1, igualmente, "GOD = Heb. 'Elohim = The Creator, because every living creature is included" (p. 13). Devo confessar que o critério de *unidade* literária soa forçado em elaborações teológicas como as de Milford. Penso que aqueles que o acompanham podem cair no mesmo desconforto, se optarem por uma aproximação teológica aos textos – bem dito, uma aproximação teológica "de trás para frente", uma vez que os conceitos teológicos *contemporâneos* se sobrepõem à análise exegética do texto.

²⁸ Maly descreve o processo usando as expressões "yuxtapuestas" e "entremezclan" (MALY, 1971, p. 79). Forrest, por sua vez, baseia-se em R. Alter, *The Art of Biblical Narrative*. New York, Basic Books, 1981, p. 28. Para uma introdução à *história da interpretação da história de Noé e do dilúvio*, cf. LEWIS, 1978.

(dentro do possível) o que constituiria a sobrevivência das duas narrativas originais; fazê-lo é uma tarefa relativa (e pretensamente) fácil.

TRADUÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS NARRATIVAS SACERDOTAL E PÓS-SACERDOTAL DO DILÚVIO

A narrativa que podemos ler nas *Escrituras Cristãs* é fruto do trabalho de um *redator* anônimo que, tendo diante de si as duas narrativas sacerdotais do dilúvio, ambas utilizadas pelo Segundo Templo em contextos histórico-sociais distantes no tempo, condicionado ele mesmo, R^{PJ}, por outro específico contexto histórico-social, promove a unificação, por justaposição, das duas narrativas, agora sob o esquema da *duração cronológica* de *um ano*. Seu trabalho parece ter sofrido pouca alteração desde então – ainda que a glosa cronológica corretiva de 8,14 constitua, em si, uma verdadeira *nova cronologia*.

Para enfrentar o desafio de *des-unir* as duas *narrativas*, de comentá-las a cada uma em seu próprio contexto histórico-social, o começo é sempre inevitavelmente uma tradução própria – sem a qual a tarefa de determinação das pertinências é muito maior. Sendo incontornável, pois, uma tradução própria do mesmo texto canônico de Gn 6,5-9,17 é a que se arrisca a seguir²⁹.

Gn 6,5-9,17

Prólogo

5aa E viu **Yahveh** 5ab que grande era a **maldade** do homem da terra; 5ba e toda **obra** das **intenções** do **coração** dele 5bb (era) **unicamente má**

²⁹ O original colorido destaca P em vermelho; J em azul; R^{PJ} em preto; a *glosa cronológica corretiva* de 8,14 em verde; e a *glosa teológico-legal* sobre o *sangue* de 9,4-6 em marrom. Quando escrever os próximos artigos da série, cada uma das narrativas será tratada em separado, reconstituindo-se o seu (provável) texto original.

todo o dia. 6aa E **arrependeu-se Yahveh**, 6ab porque (ele) fizera o homem da terra, 6b e **enfureceu-se o coração** dele. 7aa E disse **Yahveh**: '(eu) lavarei o homem que (eu) **criei de sobre as faces do solo** 7ab – tanto homem quanto animal quanto **réptil** e quanto ave dos céus – 7b porque (eu) me **arrependo**, porque (eu) fiz eles'. 8 E Noé encontrou **graça aos olhos de Yahveh**. 9aa **Estas (são) [as] gerações** de Noé: 9ab Noé, um homem justo, **perfeito** era nas gerações dele. 9b Com o '**Elohim** andava Noé. 10a E gerou Noé três filhos: 10b Shêm, Hâm e Yáfeth. 11a E **corrompeu-se a terra diante do 'Elohim**, 11b e **encheu-se a terra (de) violência**. 12a E viu '**Elohim a terra, e eis corrompida**, 12b porque **destruía toda carne o caminho** dela sobre a terra.

Interlúdio

13aa E disse '**Elohim a Noé**: '(o) fim de toda **carne** veio diante de mim, 13ab porque **está cheia a terra de violência** por causa deles. 13b E eis-me, (eu) **destruo eles com a terra**. 14a Faze (tu) para ti uma arca de madeiras de **gofer**. **Compartimentos** farás (tu) com a arca, 14b e **calafetarás** (tu) ela por dentro e por fora com a **calafetagem**. 15a E (é) assim que (tu) farás ela: 15ba trezentos **côvados** (o) **comprimento** da arca, 15bb **cinquenta côvados** (a) **largura** dela, e trinta **côvados** (a) **altura** dela. 16aa Um **teto** farás (tu) para a arca, e ao **côvado** (tu) **arrematarás** ele por cima: 16ab e a **entrada** da arca no **lado** dela (tu) **disporás**; 16b **inferiores, segundos e terceiros** (tu) farás (para) ela. 17aa **E eu, eis-me** (eu) faço vir o dilúvio, **águas sobre a terra**, 17ab para **destruir toda carne** que nela (há) **fôlego de vida** 17ag de **debaixo** dos céus: 17b tudo que (há) na terra **perecerá**. 18a E (eu) **estabelecerei** (a) **aliança** de mim contigo, e entrarás na arca tu e os **filhos** de ti, a mulher de ti, e as mulheres dos **filhos** de ti contigo. 19 E de todo **vivente**, de toda **carne**, dois de cada, (tu) farás entrar na arca, para fazer viver contigo; **macho e fêmea** (eles) serão. 20 Da ave, segundo a **espécie** dela, e do animal, segundo a **espécie** dele, de todo **réptil** do solo, segundo a **espécie** dele, dois de cada, virão a ti, para fazer viver. 21 E tu, **toma para ti de toda comida** que será comida, **armazena-a** para ti; e servirá para ti e para eles de alimento'. 22 E fez Noé conforme tudo que lhe ordenara '**Elohim**; **assim** (ele) fez. 7,1 E disse **Yahveh a Noé**: 'entra tu, e toda a **casa** de ti na arca, porque ti (eu) vi justo

diante de mim nesta geração'. 2 De todo animal puro (tu) tomarás para ti sete sete, (o) homem e (a) mulher dele, e do animal que não é puro, serão dois, (o) homem e (a) mulher dele; 3 também da ave dos céus, sete sete, – macho e fêmea – para fazer viver a semente sobre as faces de toda a terra. 4 Porque para dias até sete, eu farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites, e (eu) lavarei todo o levantado que (eu) fiz de sobre as faces do solo'. 5 E fez Noé conforme tudo que lhe ordenara Yahveh. 6 E Noé (era) filho de seiscentos anos, e o dilúvio sobreveio – águas sobre a terra. 7 E entrou Noé e os filhos dele, e a mulher dele, e as mulheres dos filhos deles com ele na arca por causa das águas do dilúvio. 8 Do animal puro e do animal que não é puro, e da ave, e tudo que rasteja sobre o solo, 9 dois dois entraram com Noé na arca, macho e fêmea, conforme ordenara 'Elohim a Noé. 10 E foi sete dias, e as águas do dilúvio vieram sobre a terra. 11 No ano seiscentos do ano das vidas de Noé, no mês segundo, no décimo sétimo dia do mês, nesse dia, romperam todas as fontes do abismo grande, e as comportas dos céus se abriram. 12 E esteve a chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites. 13 Nesse mesmo dia, entrou Noé e – Shêm e Hâm e Yefeth – (os) filhos de Noé, e a mulher de Noé, e as três mulheres dos filhos dele com eles, na arca; 14 eles e toda a fera, segundo a espécie dela, e todo animal, segundo a espécie dele, e todo réptil que rasteja sobre a terra, segundo a espécie dele, e toda a ave, segundo a espécie dela, todo pássaro de toda asa. 15 E entraram com Noé na arca dois dois de toda a carne que nela (havia) fôlego de vida; 16 e os que entraram (eram) macho e fêmea, de toda carne entraram conforme ordenara a ele 'Elohim. E fechou Yahveh atrás dele. 17 E foi o dilúvio quarenta dias sobre a terra. E cresceram as águas, e (elas) levantaram a arca, e (ela) se elevou por cima da terra. 18 E prevaleceram as águas, e cresceram muito sobre a terra. E flutuava a arca sobre as faces das águas. 19 E as águas prevaleceram muito, muito sobre a terra, e foram cobertas todas as altas montanhas que (estão) debaixo de todos os céus. 20 Quinze côvados para cima prevaleceram as águas, e (elas) cobriram as montanhas. 21 E pereceu toda a carne do que rasteja sobre a terra, da ave e do animal, e da fera, e de todo fervilhante que fervilha sobre a terra e todo o homem, 22 tudo que (há) respiração de fôlego de vida nas narinas dele, de tudo que (estava) na seguidão – (eles) morreram. 23 E (ele) lavou todo o levantado que (havia) sobre as faces do solo – tanto o homem quanto o animal, quanto

o réptil e quanto a ave dos céus – e foram lavados da terra. E ficou só Noé, e quem com ele na arca. 24 E prevaleceram as águas sobre a terra cento e cinqüenta dias. 8,1 E se lembrou 'Elohim de Noé, e de toda a fera, e de todo o animal que com ele (estavam) na arca, e (ele) fez passar um vento sobre a terra, e abaixaram as águas. 2 E fecharam-se as fontes do abismo, e as comportas dos céus. E cessou a chuva dos céus. 3 E retiraram-se as águas de sobre a terra – indo e se retirando; e minguaram as águas depois de cento e cinqüenta dias. 4 E repousou a arca no mês sétimo, no décimo sétimo dia do mês, sobre as montanhas de 'Arârât. 5 E as águas foram indo e minguando até o mês décimo; no décimo, no primeiro do mês, {que} apareceram os cumes das montanhas. 6 E foi ao fim de quarenta dias, e abriu Noé a janela da arca que (ele) fizera. 7 E (ele) soltou o corvo, e (ele) saiu; saindo e retornando antes de secarem as águas de sobre a terra. 8 E (ele) soltou a pomba depois dele, para ver se eram rasas as águas de sobre as faces do solo. 9 E não encontrou (ela) lugar de descanso para a planta da pata dela, e (ela) retornou para ele, para a arca, porque as águas (estavam) sobre as faces de toda a terra. E (ele) soltou a mão dele, e tomou ela, e (ele) fez entrar ela consigo na arca. 10 E (ele) aguardou ainda sete dias outros, e (ele) repetiu soltar a pomba da arca. 11 E veio para ele a pomba ao tempo da tarde, e eis uma folha de oliveira arrancada no bico dela! E soube Noé que eram rasas as águas de sobre a terra. 12 E (ele) esperou ainda sete dias outros, e (ele) soltou a pomba, e (ela) não repetiu retornar para ele de novo. 13 E foi no ano seiscentos e um, no princípio, no primeiro do mês, {e} enxugaram as águas de sobre a terra. E retirou Noé a cobertura da arca, e (ele) viu, e eis enxugaram as faces do solo. 14 E no mês segundo, nos vinte e sete dias do mês, secou a terra.

Epílogo

15 E falou 'Elohim a Noé, para dizer: 16 'Sai da arca tu, e a mulher de ti, e os filhos de ti, e as mulheres dos filhos de ti contigo. 17 Toda a fera que (está) contigo, de toda carne de ave e de animal, e de todo réptil que rasteja sobre a terra, farás sair contigo. E eles fervilharão na terra, frutificarão e crescerão sobre a terra'. 18 E saiu Noé, e os filhos dele, e a mulher dele e

as mulheres dos **filhos** dele com ele. 19 *Toda a fera, todo o réptil, e toda a ave, tudo o que rasteja sobre a terra, segundo as espécies deles saíram da arca.* 20 *E **construiu** Noé um altar para Yahveh, e (ele) tomou de todo o animal puro e de toda a ave pura, e (ele) fez subir holocaustos sobre o altar.* 21 *E **cheirou** Yahveh o **cheiro** aplacante. E disse Yahveh ao coração dele: 'não repetirei amaldiçoar de novo o solo por causa do homem, porque a obra do coração do homem (é) má desde a **juventude** dele, e não repetirei (eu) de novo matar todo o **vivente** conforme (eu) fiz.* 22 *Até todos os dias da terra, sementeira e **colheita**, **frio** e **calor**, **verão** e **inverno**, dia e **noite** não **descansarão**'. 9,1 *E **abençoou** 'Elohim Noé e os filhos dele, e disse para eles: 'frutificai e crescei, e enchei a terra. 2 E o **temor** de vós, e o **terror** de vós estará sobre toda a **fera** da terra, e sobre toda a ave dos céus, em tudo que **rasteja** o solo, e em todos os **peixes** do **mar** – na mão de vós foram dados.* 3 *Todo réptil que é **vivente** para vós servirá de alimento. Como (a) **erva verde**, (eu) dei para vós tudo. 4 [Somente (a) carne da **garganta** dele – o **sangue** dele (tu) não comerás. 5 E **exatamente** o **sangue** de vós pela **garganta** de vós (eu) buscarei; da mão de toda **fera**, (eu) o buscarei; e da mão do homem, da mão do homem irmão dele (eu) buscarei a **garganta** do homem. 6 O que **derrama** o **sangue** do homem, pelo homem o **sangue** dele será **derramado**, porque como **imagem** de 'Elohim (ele) fez o homem]. 7 E tu, **frutificai** e **crescei**, **fervilhará** na terra e **crescei** nela'. 8 E disse 'Elohim para Noé e para os **filhos** dele com ele, para dizer: 9 'e eu, eis-me **estabeleço** a **aliança** de mim convosco, e com a semente de vós, depois de vós, 10 e com toda a **garganta** **vivente** que (está) convosco, da ave, do animal e de toda **fera** da terra convosco, de todos os que saem da arca, de toda **fera** da terra. 11 E (eu) **estabelecerei** a **aliança** de mim convosco, e não **será cortada** toda **carne** de novo pelas águas do dilúvio, e não servirá de novo o dilúvio para **destruir** a terra'. 12 E disse 'Elohim: 'este (é) o **signal** da **aliança** que eu **ponho** entre mim e entre vós, e entre toda a **garganta** **vivente** que (está) convosco pelas gerações **para sempre**. 13 O **arco** de mim (eu) **coloquei** na **nuvem**, e servirá de **signal** da **aliança** entre mim e entre a terra. 14 E será pelo **anuviar** de mim uma **nuvem** sobre a terra, e aparecerá o **arco** na **nuvem**, 15 e (eu) me **lembrarei** da **aliança** de mim que (está) entre mim e entre vós e entre toda **garganta** **vivente** de toda **carne**, e não servirão de novo as águas do dilúvio para **destruir** toda **carne**. 16 E estará o **arco** na **nuvem**, e aparecerá para**

lembrar a aliança para sempre entre 'Elohim e entre toda garganta vivente de toda carne sobre a terra'. 17 E disse 'Elohim para Noé: 'este (é) o signal da aliança que estabeleci entre mim e entre toda carne que (está) sobre a terra'.

Para usar a expressão de Lothar Ruppert em sua classificação das fontes do Pentateuco³⁰, gostaria de propor o *Prospecto Sinóptico* das duas narrativas bíblicas do dilúvio, P e J, acrescentando as intervenções redacionais do redator RPJ, a glosa cronológica corretiva, e a glosa teológico-legal sobre o *sangue*:

| Texto | Prospecto Sinóptico |
|------------------------------|--|
| Narrativa sacerdotal (P) | 6,9.11-13; 6,17-20.22; 6b.11b.13 ³¹ .14-16a.17b-21.23b ³² .24; 8,1-2a.3b.5 ³³ .13ab.15-19; 9,1-3.7-17 |
| Narrativa pós-sacerdotal (J) | 6,5-6.7aa.b-8; 6,14-16.21; 7,1-2.3 ³⁴ .4-5.7a ³⁵ .b.10.12.16b.17a.22 ³⁶ .23a ³⁷ .b ³⁸ ; 8,2b.3a.4a ³⁹ .b.6-12.13b.20.21a.22 |
| Composição Redacional (RPJ) | 6,7ab.9.10; 7,3*.6a.7a*.8-9.11a.22*.23*; 8,4a*.13aa.21b; |
| Glosa corretiva cronológica | 8,14 |
| Glosa teológico-legal | 9,4-6 |

³⁰ Cf. RUPPERT, 1978, p. 525.

³¹ O nome dos três filhos de Noé, e o adjetivo "três" pertencem a RPJ.

³² Só a parte "E ficou só Noé, e quem com ele na arca."

³³ Pertence a P somente as partes "e as águas foram indo e minguando até (...) [que] apareceram os cumes das montanhas". A parte "o mês décimo; no décimo, no primeiro do mês" pertence a RPJ.

³⁴ Exceto a expressão "zâkhâr ûneqêvâh" (RPJ).

³⁵ De 7,7a, apenas a expressão "e entrou Noé (...) na arca" é de J; o restante do meio-versículo, "e os filhos dele, e a mulher dele, e as mulheres dos filhos deles com ele" pertence a RPJ.

³⁶ Exceto a expressão "de fôlego de vida", de RPJ.

³⁷ Exceto a parte "tanto o homem quanto o animal, quanto o réptil e quanto a ave dos céus", de RPJ.

³⁸ Só a expressão "e foram lavados da terra".

³⁹ Só a expressão "e repousou a arca", o restante é de RPJ.

Evidentemente não se pode nem obter, nem fornecer, certeza sobre o resultado de pesquisas de natureza especulativa, como de resto o é toda pesquisa de crítica literária e crítica da redação. Não obtive – nem posso fornecer – garantias absolutas de que o trabalho esteja isento de falhas. É muito provável que sim. Procurei, contudo, examinar, o mais detalhadamente possível, o estado atual da narrativa, bem como controlar, o mais metodologicamente possível, a caminhada de reconstrução das etapas da redação de Gn 6,5-9,17. Fiz minha parte. O leitor faça a sua agora.

EVIDÊNCIAS TEXTUAIS DA JUSTAPOSIÇÃO DE DUAS NARRATIVAS DO DILÚVIO

A literatura consultada faz referência a três tipos básicos de evidências de que Gn 6,5-9,17 constitua a justaposição de duas narrativas independentes: 1) o uso de dois diferentes designativos divinos, 'Elohim e Yahveh, um em cada narrativa; 2) duplicatas; e 3) discrepâncias.

O designativo 'Elohim é usado em 6,9.11.12.13.22; 7,9.16; 8,1.15; 9,1.6.8.12.16.17. O designativo Yahveh é usado em 6,5.6.7.8; 7,1.5.16; 8,20.21. Se as ocorrências forem topograficamente distribuídas, apresentam a seguinte conformação:

| 'Elohim | Yahveh | 'Elohim | Yahveh | 'Elohim | Yahveh |
|---------|--------|---------|--------|---------|--------|
| - | 6,5 | 6,22 | - | - | 8,21 |
| - | 6,6 | - | 7,1 | 9,1 | - |
| - | 6,7 | - | 7,5 | 9,6 | - |
| - | 6,8 | 7,9 | - | 9,8 | - |
| 6,9 | - | 7,16 | 7,16 | 9,12 | - |
| 6,11 | - | 8,1 | - | 9,16 | - |
| 6,12 | - | 8,15 | - | 9,17 | - |
| 6,13 | - | - | 8,20 | | |

Observe-se que, topograficamente, cada designativo divino tem seu próprio "território", e, sistematicamente, digamos que um não invade o "território" do outro. Uma aparente – e sim, só aparente – exceção é 7,16, onde aparece

tanto 'Elohim quanto Yahveh. Mas, uma leitura do verso deve servir para esclarecer como, também aqui, a territorialidade dos dois está sintaticamente estabelecida: "e os que entraram (eram) macho e fêmea, de toda carne entraram conforme ordenara a ele 'Elohim. E fechou Yahveh atrás dele". O v. 16 é um microterritório: 'Elohim domina 16a; Yahveh, 16b⁴⁰. 'Elohim preside à narrativa sacerdotal – a primeira (P); Yahveh preside à narrativa pós-sacerdotal – a segunda (J).

Poderia ser levantada uma objeção no sentido de afirmar que Yahveh seja um nome, e que 'elohim propriamente o designasse, como se dissesse "Yahveh, o Deus". Com efeito, 'elohim não é um nome, e 6,9 testemunha o uso de artigo definido – "com o 'Elohim andava Noé", que poderíamos traduzir: "com a divindade andava Noé". Esse tipo de argumento, contudo, apenas lida com o sentido de 'elohim, mas nada tem a dizer sobre o fato incontornável de que, seja "nome" (que não é), seja "especificação", 'Elohim não invade o território de Yahveh, nem Yahveh, o de 'Elohim. O que está em evidência não é apenas a duplicidade de designações para a divindade em Gn 6,5-9,17; também ela, mas, sobretudo a impressionante e sistemática territorialidade das respectivas ocorrências.

O fenômeno pode ser, a meu ver, melhor explicado pela teoria da justaposição de duas narrativas do dilúvio. Elas têm a mesma estrutura – introdução e justificativa; descrição do dilúvio; conclusão e proposta. Quando justapostas, foram unidas, de tal forma, que foram reunidos prólogo com prólogo, descrição com descrição, epílogo com epílogo – e eis o fenômeno da territorialidade. Porque são narrativas sobre o mesmo tema, mas com conteúdos diferentes é uma questão de caráter histórico-social, ligada diretamente à funcionalidade político-religiosa da grade, ou do sistema criação? dilúvio, e trataremos disso outro dia. Por enquanto, basta que as colunas "'Elohim" e "Yahveh" do quadro

⁴⁰ Uma "costura" narrativa muito semelhante a essa pode ser verificada em Ex 3,4: "e viu Yahveh que se aproximava para olhar, e clamou 'Elohim do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés. E disse: eis-me" (cf. RIBEIRO, A sarça? Como assim "queimava"? História e níveis redacionais em Ex 3,1-6 [artigo em prospecção de publicação no Boletim do CPA, da UNICAMP; se aprovado, com previsão para sair em 2004]).

demonstrativo acima sejam novamente *"justapostas"*, para reconstituir-se o efeito gerado pelo movimento de unificação das duas narrativas levadas a termo por quem chamaremos de R^{PJ} – o *redator*.

Quanto às duplicatas, igualmente decorrem do fato de que a narrativa do dilúvio não é uma criação *livre e autônoma*, mas faz parte de uma grade estrutural comum no Crescente Fértil (questão que trataremos em outra ocasião). Os *"temas"* estruturais da *"história"* do dilúvio estão presentes nas duas narrativas, tendo papéis e sentidos diferentes, porque diferentes são os contextos histórico-sociais em que são *"redigidas"* – melhor seria dizer *"preenchidas"*. Por conta disso, pode-se identificar em Gn 6,5-9,17 as seguinte duplicatas:

| Narrativa sacerdotal P – 'Elohim | | Narrativa pós-sacerdotal J - Yahveh | |
|--|---------|---|----------------|
| 'Elohim vê | 6,12 | Yahveh vê | 6,5 |
| 'Elohim decide "destruir a terra" | 6,11-12 | Yahveh decide "destruir a terra" | 6,5-6 |
| 'Elohim considera Noé "justo" | 6,9 | Yahveh considera Noé "justo" | 7,1 |
| 'Elohim preserva Noé e os "animais" com a arca | 6,13 | Yahveh preserva Noé e os "animais" com a arca | 6,14-16; 7,1-3 |
| Chega o dilúvio | 7,6 | Chega o dilúvio | 7,10 |
| Noé entra na arca | 7,13 | Noé entra na arca | 7,7 |
| Toda a vida é eliminada | 7,21 | Toda a vida é eliminada | 7,22 |
| Cessa o dilúvio | 8,2a | Cessa o dilúvio | 8,2b |
| 'Elohim "diz" | 8,15 | Yahveh "diz" | 8,21 |

Além dessas *duplicatas* internas, pode-se considerar que a própria macro-estrutura das narrativas represente *"duplicatas"*:

| Macro-estrutura | 'Elohim | Yahveh |
|-----------------|--------------------------------|---------|
| Prólogo | 6,9-12 | 6,5-8 |
| Desenvolvimento | 6,13-8,14 (seções justapostas) | |
| Epílogo | 8,15-19; 9,1-17 | 8,20-22 |

Desconsideradas intervenções *"harmonizantes"* do redator R^{PJ} no prólogo e no epílogo de J e no prólogo de P, bem como a *glosa secundária* de 9,4-6, talvez seja possível afirmar que os prólogos e os epílogos foram preservados por R^{PJ}, e que todo o trabalho de *"harmonização"* tenha se restringido aos *"detalhes"* das narrativas.

Quanto às discrepâncias entre as narrativas P e J do dilúvio, podem ser indicadas as seguinte:

| Narrativa sacerdotal - P | Narrativa pós-sacerdotal - J |
|---|--|
| 'Elohim vê "a terra" (6,12) | Yahveh vê "o homem" (6,5) |
| 'Elohim constata a corrupção da terra por causa da destruição do "caminho" do homem (6,12) | Yahveh constata que o coração do homem é mau (6,5; cf. 8,21) |
| 'Elohim diz que o fim de toda carne chegou diante dele (6,13) | Yahveh se arrepende de ter feito o homem (6,6,7) |
| Noé é a priori declarado justo (6,9) | Noé é declarado justo depois da construção da arca (7,1) |
| A arca "já está pronta" ⁴¹ (6,18) Noé deve preservar um casal de cada espécie de animais (6,19) | Noé deve construir a arca (6,14-16) Noé deve preservar sete casais de animais puros e um casal de animais impuros (7,2) ⁴² |
| O dilúvio vem imediatamente (7,6). "nesse dia" (7,11b), "nesse mesmo dia" (7,13) | O dilúvio virá depois de sete dias (7,4) |
| Devem entrar na arca Noé, os filhos dele, a sua mulher e as mulheres dos filhos dele (6,18) | Devem entrar na arca Noé "e toda a casa" dele (7,1) |
| O dilúvio tem uma origem cósmica = as comportas dos céus e as fontes do grande abismo (7,11b; 8,2a) | O dilúvio tem uma origem "natural" = chuva (7,4.12; 8,2b) |

⁴¹ Considerando 6,14-17 como J, 6,18 é, em P, a primeira menção à arca – e diz-se que Noé deve entrar nela, o que significa que ela já está pronta e, deveríamos concluir, não foi Noé quem a construiu. É que a "arca", em P, é representação da "saída para Babilônia": não é "obra", portanto de Noé, que, na narrativa sacerdotal, é instruído a "sair da arca" (cf. 8,15).

⁴² Cf. a tentativa de *harmonização redacional* de R^{PJ} em 7,8-9.

| | |
|---|---|
| <i>O dilúvio dura 300 dias (7,24; 8,3)</i> | <i>O dilúvio dura 40 + 7 + 7 dias (7,17; 8,6.10.12)</i> |
| <i>Noé sai da arca (8,15)</i> | <i>Noé não sai da arca⁴³</i> |
| <i>'Elohim celebra uma aliança com Noé e com a sua descendência (9,1-17)</i> | <i>Noé erige um altar a Yahveh, queima holocaustos, e aplaca a sua ira (8,20-22)</i> |
| <i>A garantia de que o dilúvio não tornará a acontecer é uma garantia de "sobrevivência" (9,8-11)</i> | <i>A garantia de que o dilúvio não mais tornará a acontecer é uma garantia de que os ciclos agrícolas permanecerão dentro da normalidade (8,22)</i> |

O redator R^{PJ} promoveu algumas tentativas de harmonização quando juntou as duas narrativas. Analisando o resultado de seu trabalho, pode-se afirmar a hipótese de que não tenha modificado nenhuma das duas narrativas, tomando-as *na forma como estavam redigidas*. As harmonizações que operou foram feitas mediante "*acréscimos*", mas tudo parece indicar que *nunca* tenha suprimido elementos das narrativas. Exemplos de acréscimos, por exemplo, podem ser percebidos nos v. 7,8-9, cujo objetivo é tentar harmonizar as informações que P e J dão quanto aos animais – tipos e quantidades – que deveriam ser preservados na arca. Como P fala de dois de cada – sem distinguir de que tipo (se puro ou impuro), e J fala de sete casais de cada animal puro, e um casal de animal impuro, R^{PJ} decide-se por "*harmonizar*" as informações "*acrescentando*" à narrativa, sem supressão daquelas informações, os v. 7,8-9, afirmando, agora, que se trata de um casal de cada tipo de animal puro e impuro. R^{PJ} toma a quantidade de P e a distinção puro – impuro de J. Digamos assim: todos ficam satisfeitos!

A mais impressionante *harmonização*, contudo, é, de longe, a "*cronologia*". É justamente a questão da(s) cronologia(s) da(s) narrativa(s) do dilúvio que vamos analisar com mais detalhes. Será, assim, uma tentativa final de demonstrar sob que perspectiva é possível afirmar que Gn 6,5-9,17 consiste, efetivamente, na justaposição de duas narrativas independentes e completas sobre o dilúvio: a primeira, P, sacerdotal, do século VI; a segunda, J, pós-sacerdotal, de algum momento entre os séculos V e IV – apostaria no V; a *narrativa redacional*, a atual estrutura *canônica* de Gn 6,5-9,17 (exceto 8,14 e 9,4-6), de R^{PJ}, provavelmente de algum momento dos séculos IV ou III; e,

finalmente, a correção cronológica de 8,14, da responsabilidade de algum escriba copista, em período bastante adiantado da história da transmissão do Pentateuco.

AS QUATRO-EM-UMA CRONOLOGIAS DO DILÚVIO

Diante da afirmação de Neils Peter Lemche de que ninguém teria conseguido uma revisão coerente do problema da cronologia do dilúvio em Gn 6,5-9,17 (LEMICHE, 1980, p. 61 nota 5); de que *ele* mesmo abria mão de fazer uma revisão das tentativas de explicação do *status* da pesquisa nessa área; e ainda de que uma lista de relevante e, segundo ele, irrelevante literatura relacionada ao tema poderia ser consultada em Claus Westermann⁴⁴, a razão para o enfrentamento da questão aqui se justifica pelo mesmo argumento com que Lemche abre seu próprio artigo: a discussão em torno da *cronologia* do dilúvio é incontornável para a questão das tradições literárias envolvidas (LEMICHE, 1980, p. 52). E é agradável perceber que Lemche defendia em 1980 (quase) a mesma hipótese que aqui será defendida – Gn 6,5-9,17 possui, na sua forma atual, três cronologias – a cronologia *sacerdotal* original, a cronologia pós-sacerdotal original e a cronologia do redator (que Lemche trata de R^{JP}; cf. LEMICHE, 1980, p. 57-62⁴⁵). Minha opinião, contudo, é de que feita *uma* cronologia na síntese de Peter Lemche.

A cronologia da narrativa pós-sacerdotal é, de todas, a mais fácil de ser discernida, porque tem uma estrutura peculiar caracterizada pela fórmula 7 x

⁴³ Essa "*discrepância*" merecerá tratamento mais detalhado nos próximos artigos da *série*. Por enquanto, antecipe-se que o altar é, naturalmente, erigido no Segundo Templo. A população campesina deve ir ao Templo, ao altar, à arca, para aplacar a ira de *Yahveh*. Lá, Noé permanece na arca, queimando holocaustos aplacantes – para isso ele construiu a "arca".

⁴⁴ *Genesis*, 1974, p. 580ss *apud* LEMICHE, 1980, p. 61 nota 5.

⁴⁵ Lemche intitula essa seção de "*A New Solution: Three Chronological Systems*". A hipótese está de certa forma contida, também, na afirmação de Lloyd Barré de que as cronologias originais de P e de J sejam independentes, porque, nesse caso, apresenta-se a questão da harmonização das cronologias pelo redator (cf. BARRÉ, 1988, p. 16-17).

40 x 7 x 7 [cf. 7,4.10 (os primeiros sete dias); 7,12.17; 8,6 (os quarenta dias do dilúvio); 8,10 (os segundos sete dias); 8,12 (os terceiros sete dias)]⁴⁶. Se acrescentarmos a essa fórmula 7 x 40 x 7 x 7 o fato de que a conclusão da narrativa menciona, expressamente, a garantia dos *ciclos agrários* (cf. 8,22), uma conclusão *natural* é que a *narrativa pós-sacerdotal do dilúvio está construída sobre uma base litúrgica – uma festa agrícola*. Como toda superestrutura narrativa funcional do Crescente Fértil⁴⁷, a *narrativa pós-sacerdotal do dilúvio* consiste numa adaptação de uma *grade funcional – nesse caso, do dilúvio – a um contexto* – nesse caso, o contexto agrícola de Judá em sua relação político-religiosa e litúrgico-teológica com o Segundo Templo. Da mesma forma, a narrativa sacerdotal, algum tempo antes, adotara a forma *criação – dilúvio* para interpretar o episódio de 587 a.C., à moda da e sob a perspectiva da *golah*.

A cronologia sacerdotal do dilúvio, por sua vez, encontra-se misturada à redação R^{PJ}, o que dificulta, consideravelmente, uma identificação precisa⁴⁸. Os textos são os seguintes⁴⁹:

- 7,6 [Noé tem 600 anos {R^{PJ}}] (quando) sobrevém o dilúvio {P};
 7,11 [No ano 600 de Noé, mês segundo, dia 17 {R^{PJ}}], jorram as fontes do grande abismo {P};
 7,24 Prevalectem as águas sobre a terra 150 dias {P};
 8,3 Minguam as águas depois de 150 dias {P};
 8,4 [No mês sete, no dia 17 {R^{PJ}}], a arca repousa sobre as montanhas de Ararat {J};
 8,5 As águas minguam, e [no mês 10, dia primeiro {R^{PJ}}], aparecem os cumes das montanhas {P};

⁴⁶ Adiante se verificará a possibilidade de ser tomada a fórmula 7 x 40 x 40 x 40 x 7 x 7 x 7, como, será sugerido, a quarta cronologia pressuposta parece considerar [7 + 40 + 40 + 150 + 150 + 40 (+ 7) + 7 + 7 (-30) = 418 dias ? de 01/01/600 (7,6) a 27/2/601 (8,14)]. Quanto a mim, contudo, penso que a fórmula intencional de J fosse, originalmente, apenas 7 x 40 x 7 x 7. Não posso concordar com a opinião de Lloyd Barré de que o episódio dos pássaros pertença a P (BARRÉ, 1988, p. 13s). Digo pouco, porque pouco ele o disse.

⁴⁷ Consciente do caráter *apriorístico* da afirmação, optei por, contudo, mantê-la, e solicitar seja considerada uma *intuição*.

⁴⁸ As maiores dores de cabeça concentram-se em 8,5 e 8,13.

⁴⁹ Cf. BARRÉ, 1988, p. 4; a classificação é minha.

- 8,13 [No ano 601 de Noé, no mês um, no dia um {R^{PJ60}}], enxugam-se as águas {P};
 8,14 [No mês dois, no dia 27, a terra está seca {*glosa corretiva*}];

Da forma como vejo, R^{PJ} estabeleceu uma cronologia *uniformizante*, com o objetivo claro de *harmonizar* as duas cronologias independentes de P e J. À sua testa, contudo, tinha claro um princípio – o dilúvio tem a duração de um ano (cf. 7,6 *versus* 8,13). Um exemplo disso encontra-se em 7,11. Se considerarmos a data relativa de 01/01/600⁵¹ para o *ponto zero do dilúvio*, a precisão cronológica “no mês segundo, no décimo sétimo dia do mês” denuncia a *inclusão* da cronologia de J no esboço de uma cronologia com base *anual – a cronologia redacional*. Estão pressupostos 47 dias nesse “mês segundo”, “*décimo sétimo dia*”, contando desde o ano 600 de 7,6. O que R^{PJ} faz é tomar a primeira parte da fórmula de J – 7 x 40 (= 47 dias) – e *inclui-la dentro da “sua” cronologia redacional*⁵². O resultado não é *perfeito*, mas é o melhor que se pode obter, se não se quer, simplesmente, dispensar fragmentos das narrativas P e J, ou mesmo adulterar seus respectivos textos originais. Se o objetivo é *somar* as duas narrativas, *adaptando-se* as discrepâncias mútuas, o caminho é considerar o *marco* 01/01/600 de 7,6 como um *marco programático*, e não como o *dia D*, e transferir o *dia D* para 47 dias depois – mês segundo, dia 17 (7,11). Assim, o início do dilúvio de P e J fica, até onde é possível, harmonizados em R^{PJ}.

A informação de que o dilúvio tenha durado 150 dias (7,24) é uma informação de P⁵³. Que não é de J. Parece-me fora de discussão a essa altura – adotada a perspectiva P? J? R^{PJ}. Não parece viável a hipótese de que R^{PJ} tenha *criado* termos novos para a narrativa – e o número 150 é um número estabelecido em P (7,24; 8,3⁵⁴). R^{PJ} deve tê-lo adaptado, e não criado. Na sua cronologia – a terceira da série, R^{PJ} toma os primeiros 150 dias de P e o soma

⁵⁰ Lemche encontra a presença do seu R^{JP} em 8,13 e 8,14 (LEMCHÉ, 1980, p. 57). Para mim, só em 8,13 – e do meu R^{PJ}.

⁵¹ DD/MM/AAA. Permitam-me *deixar* o número 600 aqui, por enquanto. Abaixo trataremos dele.

⁵² Para a data de 17/2/600 como obra redacional, cf. LEMCHÉ, 1980, p. 58.

⁵³ Com isso já teria concordado Adolf Dillmann (*Gênesis Critically and Exegetically Expounded*. Edinburgh: T & T Clark, 1897. I, p. 252-254 *apud* BARRÉ, 1988, p. 4, nota 4).

⁵⁴ O par 150 + 150 é pressuposto na *glosa explicativa* de 8,14 (cf. adiante).

aos 47 dias de J, que já considerara (7,11). Com isso, consegue uma soma de 197 dias, que, desde 01/01/600, levaria até 17/7/600 – e eis a nota cronológica de 8,4. 150 é pois, por esse raciocínio, um número de P. Mas, *que número?* Bem, é possível tomar os v. 7,6, 7,24 e 8,3 como uma série inter-relacionada: o marco zero é o *ponto x* (7,6⁵⁵); seguem-se 150 dias de dilúvio (7,24); repetem-se outros 150 dias de abaixamento das águas (8,3). Essa cronologia, pois, parece constituir-se como uma imagem no espelho – a imagem *real* e seu *reflexo* – e não, necessariamente, uma “*cronologia*”. O “*espelho*” que reflete A em A’ pode ser encontrado, quem sabe, em 7,20: “*quinze côvados para cima prevaleceram as águas, e (elas) cobriram as montanhas*”, cuja função é reportar o dilúvio teologicamente à tese da *descrição*, ou, ainda mais teologicamente, em 8,1, onde se diz que ‘*Elohim lembrou-se de Noé*. Com isso, teríamos o seguinte esquema teológico:

| | |
|------------------|--|
| Descrição | 6,9-7,19* Corrupção do “caminho” 150 dias |
| Criação | As águas cobrem a terra (Gn 1,2 <i>versus</i> Gn 7,20) ' <i>Elohim lembra-se de Noé</i> (8,1) |
| Recriação | 150 dias Estabelecimento da Aliança 7,21-9,17* |

A cronologia de P não é uma *cronologia de tempo*⁵⁶, mas de *sentido teológico*. Trata-se de uma *fôrma*, não de uma *seta*⁵⁷. Nesse esquema, não

⁵⁵ A rigor, a parte P de 7,6 não traria nenhuma precisão cronológica. “*E o dilúvio sobreveio – águas sobre a terra*” é a forma como P anuncia o marco zero, o *dia D*, ou o *ponto x*. “*E Noé (era) filho de seis centos anos*” deve ser considerado obra redacional (com a qual, se não é propriamente sua, R^{PJ} deve necessariamente trabalhar). Uma consideração como essa exige que se trate 8,13 como uma belíssima obra de R^{PJ}.

⁵⁶ Com o que me obriga a discordar da intuição de Adolf Dillmann, na obra já referida e citada em BARRÉ, 1988, p. 4 nota 4. Para Dillmann, os 300 dias estariam originariamente ligados às “*datas*” de 17/02/600, 17/07/600, 1/10/600 (74 dias) e 17/12/600, não referida no texto, mas completando os “300” dias. Essa amarração cronológica, contudo, reputo-a não a P, mas a R^{PJ}.

⁵⁷ Essa especificidade da função *cronológica* no sistema *criação – dilúvio sacerdotal* parece constituir-se em chave para o próprio sistema. A rigor, as duas narrativas tratam do mesmo tema, sob a mesma perspectiva, tendo o mesmo objetivo – sustentar político-teologicamente a *nova criação* como consequência da decisão de ‘*Elohim*, dada a corrupção da *antiga criação*, de recriar a *nova criação*, descreindo a *antiga*.

parece haver “*lugar*” para uma transformação dos 300 dias numa referência a um segmento do transcurso de *um ano*⁵⁸; trata-se apenas de um *antes* (150 dias de 7,24) e de um *depois* (150 dias de 8,3), cujo referencial é o *dia em que as águas cobriram todas as altas montanhas* (7,20), e em que ‘*Elohim lembrou-se de Noé* (8,1). Se a percepção estiver correta, a configuração final da cronologia com referente cronológico *anual* deriva de R^{PJ}, não de P.

Vimos a mão do redator em 7,11. Vamos tentar recuperar o conflito de R^{PJ} diante das duas narrativas. Nosso redator tem diante de si uma narrativa, que trabalha *teologicamente* a questão da *duração* – P, cujos duplos 150 dias funcionam como *imagem* e *reflexo da imagem* numa peça teológica –, e tem outra narrativa, que a trabalha *liturgicamente* – J esquematiza a *duração* na fórmula $7 \times 40 \times 7 \times 7$. Não se trata *apenas* de duas cronologias diferentes: trata-se de duas cronologia diferentes *que têm filosofias diferentes*. A saída de R^{PJ} é *somar* essas duas cronologias, envolvendo-as dentro de uma terceira filosofia – um esquema de *duração* com base em *um ano*. Não, a idéia de *um ano* não está presente em nenhuma das duas narrativas⁵⁹ – é criação harmonizante de R^{PJ}.

R^{PJ} enfrenta um primeiro desafio diante da questão do *marco zero*. Em P. afirma-se a sobrevivência do dilúvio – o *marco zero* num *ponto x* (7,6)⁶⁰. A

⁵⁸ Peter Lemche tenta adaptar P ao esquema anual situado entre 1/1/600 e 1/1/601, incluindo 1/10/600 (LEMICHE, 1980, p. 59s). Dessa intuição podemos aproveitar a inferência de que tais datas sejam da mesma mão, mas devo continuar afirmando: não da de P, mas da de R^{PJ}.

⁵⁹ Convém admitir que se tomarmos a série $7 + 40 + 150 + 150 + 7 + 7$, chegamos a um valor de 361 – o que, em termos de *cronologia*, consiste precisamente em um ano. Tomada isoladamente, a série é um forte apelo para a defesa da *unidade* de Gn 6,5-9,17. O problema, contudo, é que se terá de prescindir de 8,14 para o fazer – a menos que se considere *natural* a sua presença. Não é o que faremos. Quando nos detivermos precisamente aí, veremos que se tomado o resultado “*canônico*” produzido por R^{PJ}, a série resultará numa soma muito além de 360 dias.

⁶⁰ Para P, tanto quanto o será para J, o *início* do dilúvio não é relevante – nem mesmo imaginável. Em P, o dilúvio é a destruição de Jerusalém pelos exércitos de Nabucodonozor: não é preciso dizer *quando ocorreu*. Basta dar um *sentido para ele*. Em J, o dilúvio consiste numa *coação teológica* do tema da

expressão hebraica *bayyôm hazzeh* em 7,11 (P) precisa que foi *nesse dia*⁶¹ – a saber, o *marco zero* expresso em 7,6 –, que “*romperam todas as fontes do abismo grande, e as comportas dos céus se abriram*”. Observe-se que P insiste em 7,13: *be’etsem hayyôm hazzeh* – nesse *mesmo* dia (qual dia? o *dia D*, o *marco zero* ainda de 7,6), que Noé entrou na arca. *Tudo* acontece num dia só – o dilúvio (e com ele a destruição da corrupção da terra) e a entrada de Noé na arca (e com ela a preservação da aliança). E que *dia* é esse? “Esse dia” é “(em) esse dia” (7,11), mais precisamente “(em) esse mesmo dia” (7,13), dia em que “o dilúvio sobreveio – as águas sobre a terra” (7,6). Por que P insiste *nesse dia*? Por que está tudo ligado a *esse dia* – destruição e preservação, morte e vida, corrupção e aliança? Se querem minha opinião: é porque *esse dia é o dia da destruição de Jerusalém e o dia da deportação dos sacerdotes (a golah) para Babilônia*. São, precisamente, *esses* que se pronunciam na narrativa sacerdotal do dilúvio. Mas esse não é ainda o momento nem o lugar para lidar com isso⁶².

P não tem tempo para esperar. O dilúvio sobrevém *abruptamente*. Só *Elohim* sabe dele, e não há referências a um “daqui a pouco”. Nem mesmo se fala em construção da arca – ela está ali, como que pronta, é Noé entrar e pronto⁶³. No *dia D*, nesse dia, sobrevém o dilúvio, e nesse *mesmo* dia, Noé entra na arca. R^{PJ}, contudo, tem a outra narrativa diante de si também, a

culpa e da agricultura, e, pleno de funcionalidade mítico-literária, é lançado no tempo das origens – *lá e então*. Nada mais é necessário. R^{PJ} é que dará um tratamento mais “*historicizante*” às narrativas P e J, inserindo-as em seu projeto universal pressuposto já em Gn 5. Aliás, R^{PJ} pressupõe Gn 5. Chegaremos a dizê-lo? Que seja: R^{PJ} é o “*autor*” de Gn 5.

⁶¹ Na redação atual, tem-se a impressão de que “nesse dia” se refira ao “*décimo sétimo dia do segundo mês*” (47 dias desde 7,6); mas essa impressão é objetivo de R^{PJ}. Observe-se a insistência em se afirmar que foi “nesse mesmo dia” (7,13) que, segundo P, *tudo* aconteceu.

⁶² Num segundo artigo, já planejado, tratarei de situar mais precisamente a narrativa sacerdotal do dilúvio, agora devidamente traduzida e identificada, em seu contexto histórico-social.

⁶³ Se efetivamente considerarmos 6,14-16 como obra de J, então a primeira referência de P à arca é uma referência *determinada* – a arca – e ela já está pronta. Não é Noé quem a constrói. Se a arca é Babilônia – o cativeiro – não será, mesmo, Noé a construí-la.

narrativa pós-sacerdotal. E nela, Yahveh informa que ainda faltam 7 dias para que chegue o dilúvio (7,4). Além disso, J fala de uma chuva que vai durar quarenta dias e quarenta noites (7,4), e lá se vai o *dia D* de P. O movimento de R^{PJ} é simplesmente, com toda a naturalidade do mundo, adiar por 47 dias o *dia D* (cf. 7,11). Com isso, acata P e acata J. Sem *contradições*. Assim, se pode explicar 7,11: “[No ano seiscentos do ano das vidas de Noé, no mês segundo, no décimo sétimo dia do mês (= cronologia de R^{PJ})], nesse dia, romperam todas as fontes do abismo grande, e as comportas dos céus se abriram (P [= o dia D de P])”.

E quanto à expressão “no ano seiscentos do ano das vidas de Noé” de 7,11, que faz eco à expressão “e Noé (era) filho de seiscentos anos” de 7,6? Quer dizer, essa *precisa* referência ao ano 600 da vida de Noé – ela é de P ou de R^{PJ}. Penso que se trate de uma *criação* redacional. Sua função é instalar o *ponto x* e *dia D* de P – o anúncio do dilúvio em J – na tábua cronológica da *história* consubstanciada em Gn 5⁶⁴. Penso que olhando para esse número – 600 – e tudo o que pressuponha, estejamos, de fato, diante da *moldura canônica* de Gn 1-11. Originalmente nem P nem J tinham a preocupação *universalizante* que a redação cronológica de R^{PJ} impõe, agora, ao conjunto traditivo de Gn 1-11. Esse enfoque universal é *secundário, recente e redacional* em relação a P e a J.

Com isso, reduz-se a afirmação de P à afirmação de que “e o dilúvio sobreveio – águas sobre a terra” (7,6), de que “nesse dia, romperam todas as fontes do abismo grande, e as comportas dos céus se abriram” (7,11), e de que “nesse mesmo dia, entrou Noé e (os) filhos de Noé, e a mulher de Noé e as três mulheres dos filhos dele com eles, na arca”. A inserção desse quadro

⁶⁴ A dependência de 7,6 a Gn 5 pode ser identificada por um significativo detalhe: o ano 600 de Noé corresponde ao ano 1656 da criação. A genealogia de Gn 5 dá conta de que foi exatamente nesse ano de 1656 que morreu Matusalém. Os cálculos necessários para evitar-se que qualquer dos pais antediluvianos fosse flagrado em vida após o dilúvio estão presente tanto em Gn 5 quanto em 7,6. Por outro lado, se não quisermos tomar como uma unidade de reflexão Gn 5 e 7,6, deve-se considerar de boa vontade que 7,6 é necessariamente posterior aos cálculos e à redação de Gn 5 – 7,6 pressupõe Gn 6,5, e concorda precisamente com 5,27.

– o ponto *x* do dilúvio em P – no ano 600 de Noé é responsabilidade e criatividade de R^{PJ}.

A próxima inserção cronológica de R^{PJ} é 8,4: “no mês sétimo, no décimo sétimo dia do mês”. Aqui R^{PJ} adapta à sua cronologia baseada no ano 600 de Noé algumas referências de duração: “*décimo sétimo dia*” pressupõe que R^{PJ} ainda tem sob os olhos sua harmonização de 7,11 (unindo o dia *D* sacerdotal à parte da fórmula $7 \times 40 \times 7 \times 7$ pós-sacerdotal). Em 7,11, fomos deixados em 17/2/600; como aqui estamos em 17/7/600, somos informados de uma passagem de tempo agora de *150 dias*. 150 dias são cinco meses de 30 dias⁶⁵ – mês 2 para mês 7 – e, parece claro, referem-se aos 150 dias de P (7,24). O que R^{PJ} está fazendo é somar os 47 dias de J com os 150 dias de P, chegando a 197 dias, e, assim, estabelecendo uma nota cronológica que vai de 01/01/600 (7,6) a 17/07/600 (8,4). O ano de R^{PJ} está sendo eficientemente produzido. Pelo menos até aqui.

Da nota cronológica de 8,4, passamos à de 8,5 “[e as águas foram indo e minguando até (P)] o mês décimo; no décimo, no primeiro do mês, [apareceram os cumes das montanhas (P)]”. O redator chega a um momento que descreve como “no décimo [mês], no primeiro do mês”. Se imaginarmos um suposto mês *primeiro*, e um suposto dia *primeiro*, a partir do qual a cronologia se desenvolve (aquele 01/01/600 pressuposto em 7,6), então com esse *mês décimo* se pode chegar a um total de 10 meses – ou os 300 dias *totais* de P (7,24 + 8,3). Como não há ali nem a menção aos 600 anos de Noé, nem estão implícitos os $7 \times 40 = 47$ dias de J, 8,5 se apresenta como um verdadeiro nó górdio. Pertence a P? Pertence a R^{PJ}? Ou aos dois? Bem, penso que a “*cronologia*” deva ser relacionada a R^{PJ66}. Não se trata de uma questão fácil. A rigor, se R^{PJ} somara os 47 dias de J aos 150 primeiros dias de P, chegando à nota cronológica de 8,4 (17/07/600), por que não somou, agora, os outros 150 dias de P, estabelecendo a data cronológica de 17/12/600⁶⁷? Se pretendia

⁶⁵ Para a consideração de meses de 30 dias, cf. BARRÉ, 1988, p. 9 e nota 16.

⁶⁶ Mas não a afirmação de que apareceram os cumes das montanhas, essa, mais provavelmente relacionada a P.

⁶⁷ Questão antiga, já do século XIX (cf. BARRÉ, 1988, p. 9, referindo-se a Dillmann).

chegar a um ano, e chegou lá (cf. 8,13), bastaria agora se somarem os dois sete dias de J (7,10 e 7,12) e, *voilà*, o ano de R^{PJ} fechadinho. Mas não, a data é 01/10/600⁶⁸ – e teremos, forçosamente, de voltar a ela.

Dentre outras lições, aprendemos com a nota cronológica de 8,5 que os redatores não têm diante de si peças soltas para montar seu brinquedo – as grandezas de tempo sete, 40, 150 duas vezes, e outras, são tomadas conforme a redação textual. É por isso que R^{PJ} não pode, simplesmente, sair somando tais grandezas em torno de seu projeto de um cômputo de um ano. Se vai efetivamente erigir o número simbólico de 360 dias – e o fará – não será à custa da reprogramação de P e J – ainda que o seja a despeito deles. Pode-se ir além de P e de J, mas não suprimi-los. Isso não. É, pois, nos labirintos da redação com que lidava, que RPJ decide-se por fechar toda a série descritiva da *duração* do dilúvio nos 300 dias de P – o que o obriga a acabar gerando uma soma de “ $47 + 150 = 197$ dias” em 8,4, para simplesmente *desconsiderá-la* em 8,5 – o dilúvio durou até o mês décimo. Pretendia com isso referir-se aos 300 dias de P, incluindo dentro deles os 47 de J. Premido pela afirmação de que Noé abrirá a janela da arca e começará a testar a profundidade das águas (8,6-12), RPJ tem de deixar espaço para o esmaecimento das águas, até o seu completo enxugamento. A matriz redacional de J, falando de 40 dias, mais sete, e mais outro tanto de sete, levaria a nota cronológica redacional para além de 01/01/600 – precisamente para 10/2/601. Como RPJ trabalha com a marca redonda de 360 dias – 01/01/600 a 01/01/601 – está fora de cogitação. Tratem-se os 300 dias como descrição abrangente; incluam-se os 47 dias de J dentro desses 300 dias de P; feche-se a conta preliminar no mês décimo; deixe-se o restante para a seção dos pássaros de J; e, então, de novo *voilà*, eis a conta fechada. Era uma saída: vale P, vale J, e vale R^{PJ}. Valem as três “*cronologias*”. Três? Ora, mas não eram quatro?

⁶⁸ Lemche considera que o redator tenha simplesmente estabelecido a data como ponto de intersecção (LEMCHÉ, 1980, p. 58s).

É que resta a nota cronológica de 8,14⁶⁹, de longe a mais complicada nota cronológica de toda a perícopes do dilúvio⁷⁰: “e no mês segundo, nos vinte e sete dias do mês, secou a terra”. Que mês segundo e que dia 27 são esses? De onde R^{PJ} os extraiu? Quer dizer – são mesmo de R^{PJ}? Se considerada a data de 1/1/601 de 8,13, temos, então, entre 8,13 e 8,14, mais 57 dias – todo o primeiro mês mais os 27 dias do segundo mês. Que 57 dias são esses? Depois do esforço harmonizante de 8,5, R^{PJ} abandona o seu projeto de um ano e leva o epílogo para 27/02/601?

Pode parecer estapafúrdia⁷¹ a proposta – mas gostaria de considerar a hipótese de que 8,14 consista na tentativa de *correção* que um eventual *escriba* teria feito sobre o trabalho de R^{PJ}, uma vez que R^{PJ} teria simplesmente cometido um erro em 8,5, e que, dessa forma, consista, a rigor, numa *quarta cronologia*.

Vamos com calma. Devemos, antes de tudo, observar que a nota cronológica de 8,14 parece completamente deslocada. Não! Melhor, parece ser uma nota *impertinente*. Já havia sido dito em 8,13b que Noé retirara a cobertura da arca, e que a terra estava então enxuta. Esperaríamos que *esse* fosse o final dessa parte descritiva, porque tudo está já dito – e um encerramento com o descobrimento da arca é bastante artístico, literariamente falando. A nota cronológica é como uma *nota de rodapé*, impertinente, como todas, e necessária, como algumas. Está ali, porque *tinha de estar*. Essa, por exemplo, pareceu incontornável aos olhos de alguém – que arriscarei me parece ter o perfil de um *escriba* de uma época em que *não a história em si*, mas que *cada palavra do texto tem valor em si mesma*, independentemente de sua função morfológica, sintática ou narrativa.

⁶⁹ Segundo Lloyd Barré, Claus Westermann teria afirmado que 8,13 e 8,14 representam dois estágios da datação do dilúvio em P (*Gênesis 1-11: a commentary*. Minneapolis: Augsburg, 1984. p. 450, *apud* Barré, 1988, p. 18).

⁷⁰ Que meus colegas exegetas não se riam, mas fui forçado a pedir a ajuda de meu filho, Israel, um exímio jogador de RPG. Consumimos umas boas três horas de raciocínio “criativo” em cima dessas notas cronológicas e das grandezas numéricas de Gn 6,5-9,17, mas acho que chegamos a uma proposta que “funciona”. Se a “ação” pode ser feita é questão para o “mestre” decidir...

⁷¹ Mais simples, contudo, que a apresentada por E. Nielsen e Peter Lemche (cf. LEMCHE, 1980, p. 54ss). Diante da solução apresentada por Lloyd Barré, a minha parece até coisa de “criança” (cf. BARRÉ, 1988).

Estava quebrando a cabeça com as cronologias. Tudo parecia adequado então, senão essa nota cronológica. E era nela que me concentrava. R^{PJ} havia conseguido *incluir* parte de J (os primeiros 47 dias) na primeira parte de P (os primeiros cento e cinquenta dias), e, com isso, obtivera uma harmonia entre aquelas cronologias, instalando-as, assim, em sua própria cronologia de *um ano* (7,6 versus 8,13); tomara os segundos 150 dias de P e os harmonizara dentro de um corte médio de 10 meses de 30 dias (cf. 8,5, nas perspectiva de R^{PJ}); finalmente, tomando a *recapitulação* de J em 8,6 como *novos 40 dias*⁷², somando-os aos duplos *sete dias* de 8,10 e 8,12, estendera a *duração* até o primeiro dia do primeiro mês do ano 601. Pareceu-lhe fechar a cronologia, e deve ter ficado muito satisfeito com seu trabalho.

E seu trabalho deve ter durado um bom tempo – pelo menos até que um *escriba copista anônimo* resolveu fazer contas. E deve ter sido *esse escriba copista anônimo* quem, pela primeira vez na História, percebeu que havia um *problema* em 8,5. Acima dissemos que R^{PJ} amarrou os 300 dias de duração do dilúvio de P com a sua nota cronológica de 10 meses em 8,5. De fato, 10 meses de 30 dias, somados, dão um total de 300 dias – ou os duplos 150 dias de P. Mas alto lá! Quem disse que 300 dias cabem na *precisão cronológica* de 8,5? Com o número 10 na cabeça, desejando fazer significar um total de 300 dias, R^{PJ} escreveu: “o mês décimo; no décimo, no primeiro do mês” (8,5). Bem, se contarmos quantos dias há do mês *primeiro* ao mês *décimo*, a resposta parece bastante clara – 300 dias (10 meses de 30 dias). Mas observe-se a segunda parte da nota: *no mês décimo, sim, mas, aí! aí!, no primeiro dia*. Ora, de 01/01/600 a 01/10/600 *não há 300 dias, mas apenas 270 dias*. O *escriba copista anônimo, mais atento do que todos nós juntos*⁷³, descobriu que o texto sagrado fazia serem subtraídos 30 dias do cômputo total dos 300 dias

⁷² Não está definitivamente claro se já era intenção de R^{PJ} considerar esses 40 dias de 8,6 como *novos 40 dias*. A rigor, com o salto de 8,5 para 8,13, a *duração* abarca tudo que se diz entre um e outro (mesmo que sejam somados esses 40 x 7 x 7 dias).

⁷³ Pelo menos que todos nós juntos que, tendo intuído que a nota cronológica de 8,5 tinha a função literária de harmonizar as cronologias de P e J, não nos dáramos conta de que faltavam 30 dias para os 300 de P.

de 7,24 e 8,3. Em lugar de permanecerem 300 dias as águas sobre a terra, o texto sagrado informa que elas prevaleceram 270 dias – 30 dias foram “descontados”. Uma perspectiva histórico-crítica não trataria a questão dessa forma – diria simplesmente que R^{PJ} equivocou-se ao fazer as contas, e que seu texto fizera desaparecer 30 dias da narrativa de P. Para os críticos textuais, R^{PJ} errou. Mas para nosso *escriba copista* – e, provavelmente, para a *comissão de notáveis*, possivelmente, convocada para estudar a questão – o fato de o texto sagrado considerar a subtração de 30 dias da duração do dilúvio tem significativa relevância, e merece atenção especial.

Penso – e meu assessor para assuntos de RPG concordou com isso – que o *escriba copista* ou a *comissão de notáveis*, encarregada de estudar a questão, debruçou-se sobre Gn 6,5-9,17 a fim de chegar a uma conclusão sobre esse fenômeno significativo de ter sido suprimido 1/10 da duração do dilúvio. Com o espírito calculista discernível já em Gn 5 – não nos admiremos de vê-los tão aplicados, pois, a uma questão mais matematicamente simples – depara-se com o seguinte esquema:

| Quadro cronológico de Gn 6,5-9,17 | | | | | | Solução do escriba copista ou da comissão de notáveis |
|-----------------------------------|--|-----------------------------------|--|---|-------------------------|---|
| Marco zero do dilúvio | Valores numéricos considerados por R ^{PJ} | Notas cronológicas | Transcurso de dias entre as notas cronológicas | Transcurso de dias entre o marco zero e as notas cronológicas | Erro de R ^{PJ} | |
| 1/1/600 (7,6) | 7 (7,4) | | | | | |
| | 40 (7,4) | | | | | |
| | | 17/2/600 (7,11) = R ^{PJ} | | 47 dias | | |
| | 7 (7,10) | | | | | |
| | 40 (7,12) | | | | | Somar esses 40 dias |
| | 40 (7,17) | | | | | Somar esses 40 dias |

| | | | | | | |
|--|------------|--|---------------------------|--------------------------|-----------------|---------------------------------------|
| | 150 (7,24) | | | | | |
| | 150 (8,3) | | | | | |
| | | 17/7/600 (8,4) = R ^{PJ} | 150 dias entre 7,11 e 8,4 | 197 dias | | |
| | | 1/10/600 (8,5) = R ^{PJ} | | 270 dias em lugar de 300 | Faltam 30 dias! | |
| | 40 (8,6) | | | | | Somar esses 40 dias |
| | | | | | | Pressupor 7 dias em 8,8 |
| | 7 (8,10) | | | | | |
| | 7 (8,12) | | | | | |
| | | 1/1/601 (8,13) = R ^{PJ} | | 360 dias | | |
| | | 27/2/601 (8,14) <i>glosa corretiva</i> | | | | Subtrair os 30 dias subtraídos em 8,5 |

Nosso escriba identificou o *erro* – R^{PJ} subtraía 30 dias de P (não nos esqueçamos – isso que a nós pode parecer um erro de R^{PJ} consiste num fenômeno do texto sagrado). Quando o descobriu, deve ter experimentado tanta euforia quanto eu mesmo experimento agora – e certamente muito maior, porque enquanto eu realizo, conscientemente, um trabalho de pesquisa histórico-social com base na tentativa de um trabalho de crítica literária e de crítica da redação (com pitadas de RPG!), nosso amigo copista dedica-se a transcrever textos sagrados no sentido de que *cada letra, cada palavra, cada frase*, todo o texto é considerado como que impregnado de sacralidade. Digamos que a sacralidade para nosso amigo copista seja quase *material*, estando mesmo nas *letras*. Devemos mesmo nos perguntar se cuidou do caso sozinho, ou se o caso mereceu ser levado ao *colégio* de escribas, sob a supervisão das autoridades. Penso que sim, o caso tenha merecido apreciação por parte das autoridades constituídas – e que nosso amigo copista deva mesmo ter recebido uma promoção por sua argúcia!

Deixando a imaginação lúdica de lado, continuemos com a imaginação técnica – sem abandonar, contudo, a consideração de que tudo é sempre uma questão (primeiro) de imaginação. Já que é para acertar, acerte-se tudo. Se considerarmos que cada valor textual seja relevante para o escriba, a partir do gráfico acima, que tenta, a seu modo, representar uma visão de conjunto do sistema cronológico presente no formato “canônico” estabelecido por R^{PJ}, pode-se formular uma hipótese para a explicação de 8,14 – 27/02/601. Tratar-se-ia do seguinte:

a) quando R^{PJ} elabora sua composição PJ (6,5-8,13.15-22; 9,1-3.8-17), R^{PJ} tem em vista fazer toda a narrativa do dilúvio caber dentro de um ano. Consegue fazê-lo, e a nota cronológica de 8,13 deve ser considerada a sua assinatura – e que bela assinatura! Seja a construção do altar e a cena insuspeita de Yahveh sendo aplacado pelo holocausto, seja o estabelecimento da aliança entre ‘Elohim e Noé, com o descerramento da mais magnífica fita comemorativa do mundo, o(s) epílogo(s) do dilúvio dão-se – são coisas da literatura – nesse dia, o primeiro do *Novo Ano*⁷⁴ dos restos da vida de Noé e do “mundo”,

b) sendo assim, RPJ não parte das narrativas, mas da fôrma que estabelece – o marco cronológico de um ano. É dentro dessa fôrma que as grandezas numérico-cronológicas do texto deverão ser instaladas e, como um bolo, cobertos com um delicioso glacê;

c) são coisas que acontecem⁷⁵, RPJ cometeu seu lapso – agora que me incluí, não vamos lá tratá-lo como “erro”... Detectado pelo *escriba copista*

⁷⁴ Lemche, seguindo E. Nielsen, tenta vincular J ao *Ano Novo* (LEMICHE, 1980, p. 60). Vale acatar a percepção de que J esteja ligado a um sistema cáltico, mas não me parece ser o ciclo do Ano Novo. E. Nielsen teria tentado instalar o transcurso de J desde o outono, passando pelos meses de dezembro e janeiro, de forma que a descrição de J representaria as condições climatológicas da Palestina (*apud* LEMICHE, 1980, p. 60). Ajuda-me na tese da relação entre J e as festas agrícolas.

⁷⁵ Passei algum tempo tentando descobrir o que significavam 117 dias. Cheguei a esse número me perguntando se em vez de contar a partir de 8,13 (01/01/601), o *escriba copista* ou a *comissão de notáveis* não teria decidido a contar a partir de 8,5 – afinal, ali estava o erro. Conteí eu, então, de 8,5 (01/

que naquele dia lhe contassem não acreditaria que marcaria sua vida para sempre; provavelmente levado até as autoridades; assim vai ver constituída uma comissão de notáveis, o *lapso* é tomado não como um erro, mas como um *fenômeno do texto sagrado*. É e tem uma *função teológica* – qualquer que tenha sido o entendimento geral para essa função, o fato é que esses precisos 30 dias parecem fazer história;

d) decide-se pelo re-cálculo da cronologia do dilúvio. Eis o cálculo:

| Dias | Referência |
|------|-------------------|
| 7 | 7,10 (cf. 7,4) |
| 40 | 7,12 (cf. 7,4) |
| 40 | 7,17 |
| 150 | 7,24 |
| 150 | 8,3 |
| -30 | 8,5! |
| 40 | 8,6 |
| 7 | 8,8 (pressuposto) |
| 7 | 8,10 |
| 7 | 8,12 |

e) o novo cálculo resulta em 418 dias (7+40+40+150+150-30+40+7+7+7⁷⁶). Partindo da referência de 7,6, e considerando-a a data de 01/01/600, chega-se ao resultado exato de 8,14 – 27/02/601, ou 418 dias;

A quarta cronologia – a rigor a *glosa corretiva de 8,14* – não consiste na soma de todas as grandezas numérico-cronológicas da narrativa. As grandezas do v. 7,4 não foram somadas. Tratasse-se de um cálculo cabalístico, nada impediria que viessem a ser consideradas. Os 40 dias de 7,12 são

10/600) até 8,14 (27/02/601) e, pasmem, cheguei aos meus 117 de fumaça. Sim, de fumaça, porque não existem – de lá até aqui são 147 dias! É que eu cometeria o mesmo “erro” que meu amigo RPJ – e também para menos! Não contem para ninguém – mas o pior é que consegui, a meu jeito, uma explicação para os 117 dias! Ai! Ai! Por conta disso, olho com suspeita para a solução que Israel e eu arranjamos...

⁷⁶ No que diz respeito a “J”, trata-se da proposta de E. Nielsen – 40, 7, 40, 40, 7, 7, 7 (E. Nielsen, *Oral Tradition*, *apud* LEMICHE, 1980, p. 53).

considerados 40 dias distintos dos 40 dias de 7,17; além disso, a outra grandeza de 40 dias de 8,6 é também tomada como independente e considerada na soma de 418 dias. Quanto aos “setes”, a glosa corretiva: 1) leva em consideração o sete de 7,10; 2) considera que a expressão “e (ele) aguardou ainda sete dias ‘outros’” de 8,10 signifique que Noé já havia esperado sete dias para soltar uma pomba, e que 8,8, de fato, pode ser sinal dessa espera (implícita): “e soltou a pomba depois dele”, de modo que haja um “sete” implícito em 8,8⁷⁷; 3) soma o sete de 8,10; e 4) soma o sete de 8,12. A essa série de setes e 40, somam-se os dois 150. São quatro setes, três quarentas e dois centos e cinqüentas – total: 448. Sim, 448, o que nos levaria, a rigor, a 27/3/601. Mas alto lá! Não nos esquecemos dos 30 dias, esquecemos? Enquanto fenômeno do texto sagrado, esses 30 dias são tomados como uma grandeza que deve ser subtraída – como 8,5 o subtrai efetivamente. Assim, não se trata de 27/3, mas de 27/2 – *voilà*, eis a glosa corretiva de 8,14 – “e no mês segundo, nos vinte e sete dias do mês, secou a terra”. Disse “glosa corretiva”? Vá lá, mas é mais do que isso – é em si mesma uma verdadeira cronologia – a quarta dentre as cronologias de Gn 6,5-9,17.

[Faz sentido?]

Resumindo, temos quatro cronologias em Gn 6,5-9,17. A primeira de todas, na ordem do tempo, é a de P, originalíssima, constituindo duplos 150 dias (= 300 dias; cf. 7,24 e 8,3) distribuídos em torno do centro teológico de 7,20/8,1. Para P, a narrativa do dilúvio é uma peça político-teológica, descrevendo em chave mítico-literária os acontecimentos de 587 a.C. A segunda cronologia é a de J – aqui considerada uma narrativa pós-sacerdotal. Sua cronologia tem caráter litúrgico-teológico, configurando a representação de uma festa litúrgica distribuída numa estrutura agrícola de 7 x 40 x 7 x 7 dias (cf. 7,4.10.12.17; 8,6.10.12). A terceira cronologia é a do redator R^{PJ}, que pretendeu – e relativamente conseguiu – harmonizar as duas narrativas anteriores (P e J) – e igualmente suas cronologias –, fazendo-as caber dentro de um período de

⁷⁷ E. Nielsen usou o mesmo raciocínio em suas observações (Oral Tradition, p. 100, *apud* LEMCHE, 1980, p. 53). Lemche informa que em seu *Genesis* (BKAT 1/1, 1974, pp. 596s), Claus Westermann teria seguido pelo mesmo caminho.

um ano (cf. 7,6 *versus* 8,13). Para conseguir seu intento, somou os primeiros 47 dias de J (7,4.10.12.17) nos primeiros 150 dias de P (7,24); somou a esses os outros 150 dias de P (8,3 [limitando tudo a redondos 10 meses, mas caindo no equívoco de “datar” a amarração em 01/10/600 [cf. 8,5], subtraindo, assim, inadvertidamente, 30 dias de P); e, finalmente, incluiu as grandezas finais de J (7,6.10.12) na parte final de *seu um ano* (cf. de 8,5 a 8,13). A quarta cronologia, a mais recente e “estranha” de todas, nasceu da descoberta de um escriba copista, do equívoco que R^{PJ} cometera, subtraindo na nota cronológica de 8,5 30 dias da duração de P. O espírito da época de nosso amigo escriba copista é tal que a correção é tão extravagante quanto o equívoco – considerar *midrashicamente* as grandezas numéricas 7 (7,10), 40 (7,12), 40 (7,17), 150 (7,24), 150 (8,3), 40 (8,6), 7 (8,8), 7 (8,10) e 7 (8,12) e, da soma dessas grandezas, subtrair os mesmos 30 dias subtraídos de 8,5 pelo texto sagrado – logo, um fenômeno do texto sagrado e um indicativo teológico. Resultado – 418 dias. Tabulados, desde 01/01/600 (7,6) vão dar na data de 8,14 – 27/02/601. E são essas as quatro cronologias de Gn 6,5-9,17 ? P, J, R^{PJ} e a glosa corretiva de 8,14.

Referências Bibliográficas

- ARMSTRONG, James Franklin. Critical Note on Genesis 6,16a, *Vetus Testamentum*, v. 10. n. 3, [s.l.;sn], 1960, p. 328-333.
- BARRÉ, Lloyd M. The riddle of the flood chronology. *Journal for the Study of the Old Testament*, n. 41, 1988, p. 3-20.
- BENNETT, W, H. (ed.) *Genesis. Introduction; revised version with notes, giving an analysis showing from which of the original documents each portion of the text is taken; index and map*. London/Edinburgh: T. C. & Clark, [s.d], 412 p.
- BIBLIA SACRA. Utriusque Testamenti Editio Hebraica et Graeca. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994. [*Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Editio funditus renovata, editio quarta emendata. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990. 1.574 p. *Novum Testamentum Graece*. Editione vicesima septima revista. Deutsches Bibelgesellschaft, 1993. 810 p.].
- BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Editio tertia emendata. Deutsche Bibelgesellschaft, 1987, 1.574 p.
- BLENKINSOPP, Joseph, Structure of P. *Catholic Biblical Quarterly*, n. 38, 1976, p. 275-292.

- CHARPENTIER, *Para Uma Primeira Leitura da Bíblia*. Trad. J. R. Vidigal. 6. Ed. São Paulo: Paulinas, 1986. 100 p.
- CLARK, Warren Malcolm. Righteousness of Noah. *Vetus Testamentum*, n. 21, n. 3, 1971, p. 261-280.
- COATS, George W. *Genesis, with an introduction to narrative literature*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1983. 322 p.
- COHEN, A. *The Soncino Chumash. The Five Books of Moses with Haphtaroth. Hebrew text and English translation with an exposition based on the classical Jewish commentaries*. Surrey: The Soncino Press, 1947. 1203 p.
- CRÜSEMANN, F. *A Torá - teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Trad. de H. Reimer. Petrópolis: Vozes, 2002. 599 p.
- DATTLER, Frederico. *Gênesis. Texto e Comentário*. São Paulo: Paulinas, 1984. 239 p.
- DRIVER, S. R. *The Book of Genesis. With introduction and notes (with a new appendix by G. R. Driver)*. 20 ed. London: Methuen, 1954. 459 p.
- EICHRODT, Walther. *Theology of the Old Testament*. Trad. de J. A. Baker. London: SCM Press, 1967. v. 2. 573 p.
- EISELEN, Frederick Carl. *The Books of The Pentateuch. Their origin, contents and significance*. New York: The Methodist Book Concern, 1916. 351 p.
- EISSFELDT, Otto. *The Old Testament. An introduction including the Apocrypha and Pseudepigrapha, and also the works of similar type from Qumran. The history of the formation of the Old Testament*. Trad. de Peter R. Ackroyd. New York e Evanston: Harper and Row, 1966. 861 p.
- EMERTON, John A. An examination of some attempts to defend the unity of the flood narrative in Genesis, pt 1. *Vetus Testamentum*, v. 37, n. 4, [s.l;s.n], 1987, p. 401-420.
- EMERTON, John A. An examination of some attempts to defend the unity of the flood narrative in Genesis, pt 2. *Vetus Testamentum*, v. 38, n. 1, [s.l;s.n], 1988, p. 1-21.
- FOHRER, G. e SELLIN, E. *Introdução ao Antigo Testamento - livros históricos e códigos legais*. Trad. Mateus Rocha. São Paulo: Paulinas, 1977. v. 1. 363p.
- FORREST, Robert W. E. Paradise Lost Again : Violence and Obedience in the Flood Narrative. *Journal for the Study of the Old Testament*. n. 62, 1994, p. 3-18.
- JAMES, E. O. *Los Dioses del Mundo Antiguo - historia y difusión de la religion en el Antiguo Oriente Proximo y en el Mediterraneo Oriental*. Trad. de Carlos Alonso del Real. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1962. 441 p.
- KEIL, C. F. e DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament in ten volumes. V. 1. The Pentateuch. Three volumes in one*. Trad. de James Martin. Grand Rapids: William B. Eerdmans, [s.l;s.n;s.d], 501 + 486 + 531 p.
- KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico - uma gramática introdutória*. 2ª ed. Trad. De Marie Ann Wangen Krahn. São Leopoldo: Sinodal, 2000. 452 p.
- KOCH, Robert. *Teologia da Redenção em Gênesis 1-11*. São Paulo: Paulinas, 1971. 142 p.
- LEMICHE, Niels Peter. The Chronology in the Story of the Flood. *Journal for the Study of the Old Testament*, n. 18, 1980, p. 52-62.
- LEWIS, Jack P. *A Study of the Interpretation of Noah and the Flood in Jewish and Christian Literature*. Leiden: E. J. Brill, 1978. 199 p.
- LOHFINK, Norbert. *Grandes Manchetes de Ontem e de Hoje - o Antigo Testamento e os grandes temas dos nossos dias*. Trad. J. R. Costa. São Paulo: Paulinas, 1984. 301 p.
- LUZZI, Giovanni. *La Bibbia (L'Antico e il Nuovo Testamento) Tradotta dai testi originali e annotata da Giovanni Luzzi. La Legge (Torah) o Il Pentateuco - Genese, Esodo, Levitico, Numeri, Deuteronomio, com uma introduzione, com carte geografiche e tavole illustrative*. Firenze: G. S. Sansoni Editore, 1921. 611p.
- MALY, Eugene H. Genesis. Em: BROWN, Raymond E., FITZMYER, Joseph A. e MURPHY, Roland E. (dir). *Comentário Bíblico San Jeronimo. Tomo I*. Trad. de Alfonso de la Fuente Adanez e Jesus Valiente Malla. Madrid: Cristiandad, 1971. P. 59-156.
- MELAMED, Meir Masliah. *A Lei de Moisés e as Haftarat. Com tradução, explicações e comentários*. Rio de Janeiro: Centro Israelita Brasileiro, 1962 [5723]. 480 p.
- MILFORD, Humprey. *The Companion Bible, being Yhe Authorized Version with the structures and notes. critical, explanatory and suggestive and with 198 appendixes*. London/New York/Toronto e Melbourne: Oxford University Press, [s.d], 1914 + 227 p.
- PARROT, André. *The Flood and Noah's Ark*. Trad. de Edwin Hudson. London: SCM Press, 1955. 76 p.
- PETERSEN, David L. Yahwist on the flood. *Vetus Testamentum*, v. 26, n. 4, 1976, p. 438-446.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. 'Príncipe de 'Elohim (és) tu no meio de nós'. Pesquisa semântico-fenomenológica do termo nâs' na Bíblia Hebraica, *Revista de Cultura Teológica*, v. 11, n. 43, 2003, p. 79-117.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Vento Tempestuoso. Um ensaio sobre a tradução e a interpretação de Gn 1,2 'a luz de Jr 4, *Fragmentos de Cultura*, v. 12, n. 4, 2002, p. 573-598.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Vento Tempestuoso: novas reflexões sobre Gn 1,2 a partir da fenomenologia da religião, *Revista Teológica Londrinense*, n. 5, 2003 [no prelo].

- RICHARDSON, Alan. *Génesis I-XI. Introducción y Comentario*. Buenos Aires: La Aurora, México: Casa Unidade, 1963. 149 p.
- RUPPERT, Lothar. Prospecto Sinóptico das Três Grandes Fontes do Hexateuco J, E, P (Gn 1-Jz 1, exceto Dt 1-30). Em: SCHREINER, Josef. Palavra e Mensagem. Introdução teológica e crítica aos problemas do AT. 2 ed. Trad. de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 525-535.
- SCHIAPARELLI, Giovanni. *La Astronomía en El Antiguo Testamento*. Trad. de José San Román Villasante. Buenos Aires: Losada, 1945. 219 p.
- SILVA, J. C. Avelino da. O Princípio Feminino em Zeus, *Fragmentos de Cultura*, v. 13 (especial), 2003, p. 13-30.
- SPEISER, E. A. *Genesis. Introduction, translation and notes*. New York: Doubleday, 1964. 378p.
- THE COMPLETE BIBLE. *An American Translation*. Antigo Testamento traduzido por J. M. Powis Smith, Theophile J. Meek, Leroy Waterman e Alex R. Gordon. Novo Testamento e Apócrifos traduzidos por Edgar J. Goodspeed. Illinois: The University of Chicago Press, 1951.
- TIKVA, Frymer-Kensky. Atrahasis epic and its significance for our understanding of Genesis 1-9. *Biblical Archaeologist*, n. 40, 1977, p. 147-155.
- TURNER, Samuel H. *Companion to the Book of Genesis*. New York, London: Wiley and Putnam, 1841. 650 p.
- ULLENDORFF, Edward. The Construction of Noah's Ark, *Vetus Testamentum*, v. 4, n. 1, 1954, p. 95-96.
- VERDIERE, Eugene A. La. *Introducción al Pentateuco*. Bilbao: Mensajero, Santander: 'Sal Terrae', 1972. 86 p.
- VON RAD, Gerhard. *El Libro del Genesis*. Trad. de Santiago Romero. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1977. 539 p.
- WATTS, J. Wash. *A Distinctive Translation of Genesis*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1963. 154 p.
- WENHAM, Gordon J. Coherence of the flood narrative. *Vetus Testamentum*, v. 28, n. 3, 1978, p. 336-348.
- WESTERMANN, Claus. *Handbook to the Old Testament*. Trad. de Robert H. Boyd. London: SPCK, 1967. 284 p.
- WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e Culto no Israel do Antigo Testamento*. Trad. A. F. Stein. São Paulo: Loyola, 2001. 151 p.

Oswaldo Luiz Ribeiro é Mestre e Doutorando em Teologia pela PUC-Rio. Leciona no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

OS FARISEUS E SUA CONTRIBUIÇÃO TEOLÓGICA PARA O JUDAÍSMO E O CRISTIANISMO

Diacono Manoel F. de Miranda Neto

Geralmente entre os cristãos, sejam eles católicos ou não, o interesse que se dá aos fariseus e ao farisaísmo se reduz apenas ao período histórico que engloba o nascimento do cristianismo. Acredita-se que os fariseus não tiveram, e não têm até hoje, nenhuma importância por eles mesmos. Ignora-se o fato de que a História deles começou antes do cristianismo e que, sob um outro nome, ela continua até hoje.

Os fariseus são geralmente olhados como os adversários de Jesus, como os homens que reduziram o judaísmo a uma condição tal, que o cristianismo veio, como uma reação, para dar o verdadeiro sentido às Escrituras. Farisaísmo e cristianismo aparecem, assim, como duas realidades completamente opostas, divergentes. Enfim, se vê o farisaísmo como a hipocrisia organizada. A frase áspera de Jesus - "escribas e fariseus hipócritas" - sempre vem à mente das pessoas quando se fala de fariseus, e ela parece resumir tudo o que se pode dizer dos fariseus.

Ora, por mais natural que isto pareça, este ponto de vista é inexato e, sobretudo, ele é superficial. Ele não leva em consideração as razões pelas quais os fariseus eram o que eram, e nem leva em consideração a importância dos fariseus para o próprio judaísmo, antes e depois do cristianismo. Este ponto de vista limita a importância dos fariseus apenas às suas relações com o cristianismo. E ele é fundamentado apenas pela literatura do Novo Testa-